



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVESITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Angela Maria dos Santos Sousa

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA
MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UFPA - CAMPUS ALTAMIRA-PA**

Altamira, PA

2021

Angela Maria dos Santos Sousa

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA
MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UFPA - CAMPUS ALTAMIRA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para o Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Altamira, sob a orientação da Professor Mestre Rozinaldo Ribeiro da Silva.

Altamira, PA

2021

Angela Maria dos Santos Sousa

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA
MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UFPA - CAMPUS ALTAMIRA-PA**

BANCA EXAMINADORA

Profº Me. Rozinaldo Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Pará/UFPA
Orientadora

Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa
Universidade Federal do Pará/UFPA
Examinador (1)

Prof. Me. Gizelia Maria da Silva Freitas
Universidade Federal do Pará/UFPA
Examinador (2)

ALTAMIRA – PA
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao nosso Deus, pelo dom da vida, por guiar meus passos e me dar forças me proporcionando chegar até aqui. Agradeço a toda minha família por sempre me apoiar nos momentos mais difíceis, em especial aos meus pais, José Evandro e Maria, que foram meu porto seguro em toda minha trajetória de vida e nunca me deixaram desistir, ao meu amado esposo Gilson, meus filhos Vinícius, Isabela e Carolina, pela compreensão, apoio, paciência e companheirismo.

Agradeço a todos os professores do curso, dos quais foram essenciais na transmissão do conhecimento, em especial ao meu orientador Professor Mestre Rozinaldo Ribeiro, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no processo de formação profissional. Por fim, aos meus colegas de curso pela troca de conhecimentos durante esses quatro anos, em especial à Elcilene Cardoso e Jucenilda Araújo pelos laços fraternos de amizade construídos neste período, e à Instituição por me dar a chance e todas as ferramentas necessárias que me permitiram chegar ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

EPIGRÁFE

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. E que a liberdade seja a nossa própria substância” (Simone de Beauvoir).

RESUMO

O artigo apresenta como objetivo principal resgatar minhas memórias estudantil, acadêmica e profissional, e neste processo de escrita evidencio os desafios e as perspectivas frente a essas experiências. Para este estudo, utilizou-se do gênero memorial e da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica teve suporte teórico acerca da temática mulher no contexto universitário, igualdade de gênero e políticas educacionais voltadas para este público feminino na universidade. Enquanto o gênero memorial possibilitou descrever e narrar experiências de vida interagindo com discursos e outros interlocutores teóricos. Metodologicamente a pesquisa tem perspectiva qualitativa em Educação, especificamente, por trazer ponderações situadas nas experiências sócio-educativas no processo de formação dos sujeitos, e com o método autobiográfico que se configura como fonte e testemunhos de ações individuais, que neste caso sou o sujeito da pesquisa, pois trago uma escrita da história e de minhas memórias. A pesquisa apontou algumas discussões perpassando por dilemas e superações da mulher em seu contexto social e universitário.

Palavras-chave: Memorial. Mulher Universitária. Trajetória de vida. Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

The article's main objective is to rescue my student, academic and professional memories, highlighting the challenges and perspectives of the lived experiences. For this study, used the memorial genre and bibliographic research. The bibliographic research had theoretical support about woman in the university context, gender equality and educational policies aimed the female public. While the memorial genre made it possible to describe and narrate life experiences interacting with discourse and other theoretical interlocutors. Methodologically, the research has a qualitative perspective in Education, specifically, for bringing considerations situated in the socio-educational experiences in the process of formation the subjects. And as the autobiographical method is configured as a source and testimony of individual actions, in this case I am the subject of research of the study, because I bring a writing of my history and my memories. In addition, the research pointed out some discussions about women's dilemmas and overcoming in their social and university context.

Keywords: Memorial. University Woman. Life trajectory. Pedagogy Course.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DA MULHER UNIVERSITÁRIA	9
2 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A UFPA	11
2.1 INÍCIO DA TRAJETÓRIA DOS MEUS ESTUDOS	11
2.2 MUDANÇA PARA ALTAMIRA	13
3 INGRESSO NA UFPA	19
3.1 ASPIRAÇÕES DE UMA FUTURA PEDAGOGA	19
3.2 O INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA, PERSPECTIVAS E DESAFIOS	21
3.3 CONHECENDO OUTRAS MULHERES DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	22
3.4 REFLEXÕES E INQUIETUDES.....	23
4 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, UM APOIO A MINHA PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE	24
4.1 INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE UMA BOLSISTA PIBIC	24
4.2 TRIPLA JORNADA DE UMA UNIVERSITÁRIA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Este memorial é fruto de reflexões realizadas ao longo da minha trajetória acadêmica dentro do curso de Pedagogia, Campus Altamira, Pará. O referido gênero “memorial acadêmico” se apresenta como uma expressão entre vida educacional e a realidade de mulheres que buscam nos estudos um caminho para ascensão social. Soares (2001) nos apresenta a partir do seu memorial o pensar sobre a trajetória de vida que é parte de um trabalho de reflexão que eleva as experiências à sua inteligibilidade. E através de minha autobiografia, trago como objetivo principal resgatar minhas memórias estudantil, acadêmica e profissional, e neste processo de escrita evidencio os desafios e as perspectivas frente a essas experiências. Paralelamente, descrevendo estes passos, em consonância aos estudos de cunho teórico para a construção do conhecimento e a importância para da formação superior na área da educação.

O interesse por este gênero textual surgiu a partir do exercício reflexivo em conciliar o contexto de responsabilidades de nossa cultura patriarcal com a vida de estudante universitária. Assim, a escrita de desdobra em minhas experiências e vivências desta trajetória por conta dos desafios encontrados, uma vez que sou mãe, esposa, dona de casa e cursando o ensino superior. E destaco a turma de Pedagogia 2017, na qual faço parte, composta somente por mulheres, que ao mesmo tempo nossas histórias se cruzam entre pelo contexto vivido durante o período da graduação.

Ao iniciar a feitura deste memorial, penso minha trajetória sob diversas perspectivas, desde a descrição do meu itinerário social, histórico e educacional, fazendo apontamentos importantes de análise e crítica no exercício da construção do conhecimento. De acordo com Souza; Dourado (2014, p. 40) “o memorial de formação é uma narrativa descritiva de rica possibilidade de produção acadêmica onde as experiências vivenciadas em [...] interação com outros textos, discursos e interlocutores possibilitam aprendizagens significativas”.

Este trabalho situa-se metodologicamente a perspectiva da pesquisa qualitativa em Educação, especificamente, por trazer ponderações situadas nas experiências sócio-educativas no processo de formação dos sujeitos, e com o método autobiográfico se configura como fonte e testemunhos de ações individuais, que neste caso sou o sujeito da pesquisa, pois trago uma escrita da história e de minhas memórias.

Nesta perspectiva, o presente memorial soma-se a discussão da formação acadêmica de mulheres, os percalços diante das adversidades no contexto universitário, igualdade de gênero e políticas educacionais voltadas para este público feminino na universidade. Para ajudar nessas reflexões, apoio-me em: Soares (2001), Beltrão; Alves (2009), Santos (2011),

Beauvoir (2016), Veras (2015), Amorin (2016), Silva (2019), entre normativas e marcos legais pertinentes.

1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DA MULHER UNIVERSITÁRIA

O significado de participar do contexto universitário propicia uma sensação de privilégio, de fato nos faz mulheres mais fortes, confiantes e nos empodera, é este o sentimento que possuo desde os primeiros passos dados no decorrer da minha graduação (ANGELA SOUSA, 2021).

No contexto de formação universitária da mulher aponta uma conquista significativa ao longo da história, segundo (Inep, 2012) a inserção no ensino superior é do sexo feminino, principalmente, em curso de graduação presencial. Entretanto, o caminho trilhado por elas tem mostrado muitos desafios tanto do ponto de vista dos direitos, como do discurso pautado no patriarcalismo¹.

No Brasil, o ensino superior feminino só teve início no final do século XIX. A primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil, foi no estado da Bahia no ano de 1887, formando-se pela faculdade de medicina. As mulheres no Brasil só foram autorizadas a frequentar um curso superior no ano de 1879 quando a elas foi concedido o direito de frequentarem o ensino universitário por Dom Pedro II, então Imperador do Brasil (BELTRÃO; ALVES, 2009).

A luta das mulheres pelo fim da discriminação e pela igualdade de gênero tem repercutido e crescido em todos os âmbitos, principalmente nas frentes feministas, mas são latentes as desigualdades, seja pelo julgo masculino, seja pelo sistema capitalista, colocando-as numa posição inferior.

O conceito de gênero envolve duas dimensões: uma compreende que a ideia do biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino, a outra envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social (SANTOS, 2011, p.86).

No Brasil a primeira fase do feminismo no século XIX, teve como foco a luta das mulheres pelos direitos políticos, mediante a participação eleitoral, como candidatas e eleitoras (PINTO, 2010). Desde então essa luta vem transformando a sociedade a partir das

¹ Uso o conceito de acordo com a teoria de Saffioti (2004) do tipo hierárquico e se corporifica estruturado pelo poder de base ideológica e violenta.

conquistas de novos direitos como: educação formal, ensino superior, direito ao voto e a pílula anticoncepcional.

Ao sexo feminino cabia, em geral, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher como mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, à formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX (BELTRÃO; ALVES, 2009, p. 128).

Hoje, as mulheres são a maioria com número equivalente a 51,7% da população brasileira, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (BRASIL, 2018). Algumas das principais bandeiras do movimento feminista são: o fim da violência doméstica e da cultura do estupro, a descriminalização do aborto, a liberdade sexual, o fim da desigualdade salarial e o reconhecimento do trabalho doméstico como um trabalho não pago.

Beauvoir (2016) destaca que a mulher ocidental moderna quer ser vista como parte na vida social. No entanto, o contexto da mulher está marcado pelos desafios de ser mulher, mãe, dona de casa, esposa e jornada de trabalho. Nesta conjectura, discentes do curso de pedagogia 2017 apresenta a mesma realidade, uma grande inserção no ensino superior, mas marcadas por contratempos no decorrer da trajetória. Em se tratando do grande número de estudantes do gênero feminino matriculadas no ensino superior, conforme o Resumo Técnico do Censo de Educação Superior no Brasil (BRASIL, 2016), em destaque o curso de Pedagogia com um total de 91,9% dos ingressantes serem do sexo feminino. Que reafirma os números citados, na turma de Pedagogia 2017, na qual faço parte, que é composta somente por mulheres, e também pela experiência vivida durante esse período da graduação, tendo que se desdobrarem por conta dos percalços encontrados no caminho da vida educacional.

Como destaca Scott (2012) que no século XX não se podia imaginar a mulher fora do espaço do lar e no Brasil pela estrutura do colonialismo, fortemente marcado pelo ideal patriarcal. Mas a sociedade em constantes mudanças sociais e históricas abre caminhos para a representatividade das mulheres, como nas guerras, começaram a sair do espaço familiar e começam a trabalhar nas fábricas, após esse momento histórico, com a vinda de migrantes de outros países tomavam os lugares destas nas fábricas, a partir de 1930 as mulheres partiam para outros trabalhos, como comerciantes, cozinheiras, faxineiras, costureiras e babás, em meio a estas mudanças os movimentos feministas cresciam em todo o mundo em busca de igualdade.

E uma profissão marcante neste período de 1930 é a do magistério, segundo Matos; Borelli (2012) mesmo tendo esta profissão tinham que conciliar trabalhar e os afazeres domésticos, que não é muito diferente dos dias de hoje, mulheres em pleno século XXI tem suas jornadas de trabalho cada vez maiores, muitas vezes desvalorizadas, enfrentam diferenças salariais, preconceito e discriminação em todos os espaços de trabalho. E quando se fala das mulheres em no contexto onde estou inserida, a Amazônia, os desafios do mundo do trabalho perpassam pela discriminação de “origem, idade, orientação sexual, gravidez, doença e deficiência Também são as que mais sofrem com as doenças ocupacionais, decorrentes de condições inadequadas de trabalho” (SOUSA; CRUZ; OLIVEIRA, 2019, p. 182).

Diante deste movimento de mudanças histórico-social e frente às contradições femininas postas pelas desigualdades, as mulheres buscam nos estudos outros caminhos para se sobressair diante da sociedade, a educação e a formação torna-se lugar de inserção social. Entretanto, entre o caminho da educação e a formação superior encontram-se os percalços da vida cotidiana, como em minha trajetória escolar que foi marcada com uma gravidez precoce aos 17 anos que alterou o meu percurso escolar. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), “a gestação nesta fase é uma condição que eleva a prevalência de complicações para a mãe, [...] além de agravar problemas socioeconômicos já existentes”. Assim, traço este percurso através de uma descrição que segue uma linha do tempo marcado pela migração dos meus familiares e o contexto histórico-social da região de Altamira.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A UFPA

2.1 INÍCIO DA TRAJETÓRIA DOS MEUS ESTUDOS

Natural do estado do Maranhão sou a segunda filha dos seis filhos de meus pais, José Evandro e Maria dos Santos. No início do ano de 1978 em busca de uma melhor oportunidade de trabalho, meu pai migrou da cidade de Imperatriz no estado do Maranhão onde na ocasião encontrava-se desempregado, para a cidade de Tucuruí no estado do Pará, em busca de uma oportunidade de trabalho na obra de construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, deixando minha mãe e três filhas até então, na cidade de Imperatriz-MA.

A Usina Hidrelétrica de Tucuruí, que está localizada na cidade de mesmo nome foi construída na bacia do rio Tocantins. Teve sua construção iniciada em novembro de 1974 período da ditadura militar e inaugurada 10 anos depois, em novembro 1984 pelo então presidente João Figueiredo, “Sua construção marca a entrada dos grandes investimentos na

região e representa a necessidade do Estado e do capital em se firmar na Amazônia para explorá-la” (ARAÚJO, 2017, p. 71) sendo considerada a segunda maior usina hidrelétrica 100% brasileira, ficando atrás apenas da usina de Belo Monte em Altamira-PA.

Logo meu pai conseguiu um emprego na empresa construtora da barragem de Tucuruí, e após três meses de trabalho retornou ao maranhão para buscar sua família, como ele era funcionário procedente de outra região a empresa cedeu uma casa em uma vila exclusiva para funcionários da barragem, era uma espécie de condomínio fechado que se chama Vila Temporária II.

Vimos então para a cidade de Tucuruí no Pará, posso afirmar que a partir desse momento em diante é que tenho recordações da minha infância. Lembro-me que passamos a morar numa casa boa com vários cômodos e banheiro dentro de casa, em um bairro bem estruturado, com ruas asfaltadas e calçadas, boas escolas, hospitais, supermercados etc., para minha mãe foi a melhor coisa que lhe acontecera, haja vista que vivíamos uma vida de extrema pobreza na cidade em que morávamos. Poder dar um conforto e uma boa educação aos filhos era tudo que ela queria. E pra dizer a verdade foi um dos melhores períodos de nossas vidas. No meu ponto de vista, naquele momento, as lembranças são muito boas, as preocupações dos meus pais era dar uma vida confortável aos filhos.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça à lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55).

E muito embora toda essa mudança tenha ocorrido em um contexto de organização sócio cultural de migração que o município passava, a nossa família estava inserida nesta conjuntura social, como assevera Silva (2001, p.3):

A migração faz parte de sua memória por diversas razões: adversidade do meio físico e local, como a seca, a falta de condições para o trabalho e a reprodução social, etc.. Mas, a desterritorialização ocasionada pela construção da barragem, tem uma construção simbólica particular. O projeto dos colonos era o de construir um novo modo de vida, pautado na posse da terra, no trabalho, na solidariedade. Isso foi decisivo na manifestação de resistência. A nova significação de vida construída territorialmente foi rompida. Tal ruptura atingiu as ligações afetivas e de identidade entre eles e seu espaço de vivência e convivência.

E foi na cidade de Tucuruí-PA, que começou minha escolarização, na Unidade Integrada de Ensino Tucuruí – Escola Infantil “Patinho Feio”, onde estudei a educação infantil dos 4 aos 6 anos, período essencial para a minha formação. Para Piaget (1972) a fase da educação infantil possibilita a criança ao um desenvolvimento amplo e dinâmico no período sócio motor. Um período onde a criança é um ser ativo que interage com o meio social e desenvolve sua personalidade perante suas realidades e se torna parte integrante da sociedade.

Na Educação Infantil, o ano que mais tenho lembranças foi o da minha alfabetização tive uma professora por nome Áurea, que jamais esquecerei, lembro-me de toda sua paciência, dedicação e carinho com que tratava as crianças, e com todo esse amor me ensinou a ler e escrever e no final ano de 1981 assinei meu diploma de conclusão do ensino preparatório com muito orgulho.

Então no ano de 1982 iniciei a primeira série do ensino primário, como era conhecido na época, agora na escola de 1º Grau Alto Tocantins, não tenho muitas lembranças desse início, rememoro que era uma escola bem maior, com muitas salas e com mais alunos, foi um pouco estranho, haja vista o formato da educação infantil que estava acostumada, no entanto minha mãe disse que não tive nenhuma dificuldade com adaptação em virtude da excelente preparação que tive nos anos anteriores. E assim prossegui estudando nesta escola até a terceira série do ensino primário.

Moramos sete anos em Tucuruí, foi uma infância muito feliz, com todos os cuidados que uma criança precisa, a família tinha acesso à saúde de qualidade como, consultas com pediatra e dentista, e acesso a lazer onde frequentávamos um belo clube de lazer com piscinas e bosques, só tenho boas lembranças desse período.

2.2 MUDANÇA PARA ALTAMIRA

No ano de 1985 após a inauguração da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, encerrou o contrato de trabalho de muitos funcionários, dentre eles o do meu pai, então um novo ciclo se inicia para a nossa família. A convite do meu avô paterno que trabalhava e morava em uma fazenda na região de Altamira-PA, meu pai decidiu que iríamos morar aqui, viemos toda a família de mudança, agora a família estava maior, minha mãe teve mais três filhos no período que morávamos na cidade de Tucuruí-PA, lembro-me que viemos de camionete “pau de arara”, sacolejando e pegando poeira na Transamazônica, na verdade foi uma experiência muito estranha.

E assim em Janeiro de 1986 chegamos à fazenda que meu avô morava próximo a vila Belo Monte, onde passamos trinta dias, até meu pai comprar uma casa na cidade. Mudamos para Altamira no início de fevereiro do ano de 1986, e fomos morar no bairro Aparecida conhecido como invasão dos padres, confesso que foi um choque quando chegamos aqui, a cidade não tinha asfalto, época de inverno amazônico, tinha muita lama nas ruas, era tudo muito diferente de onde moramos antes, a casa era pequena e de madeira, não tinha banheiro interno e nem água encanada, no início foi difícil à adaptação em virtude do contexto anterior.

Logo minha mãe nos matriculou nas escolas próximas de casa, eu fui estudar na escola Prof. Rui Barbosa, que era próximo à casa do índio na Orla da cidade, apesar de estranhar um pouco no início, me adaptei bem à nova escola, concluindo o ensino primário com sucesso.

No ano seguinte mudei de escola, comecei a estudar na escola Prof. Antonio Gondim Lins, estudei a quinta e sexta séries, num formato diferente para mim, agora com novas disciplinas e vários professores, foi um período de muito aprendizado, as disciplinas que mais gostava eram matemática, história e educação física, fui uma adolescente participativa, e fiz muitas amizades.

Após esse período a situação financeira da minha família se complicou, meu pai estava desempregado e estava fazendo bicos para sustentar a família, era um momento delicado, eu e a minha irmã mais velha tivemos que estudar no período noturno para trabalharmos durante o dia. Muitas escolas ofertam educação de jovens no período da noite, estudei na Escola Deodoro da Fonseca e cursei a 4ª etapa equivalente a sétima e oitava séries. No início estranhei muito, era um formato diferente do que estava acostumada, demorei me adaptar, ainda era uma jovem de 15 anos e com muitas incertezas, mas consegui concluir essa fase finalizando o meu primeiro grau.

Essa modalidade de ensino hoje chama Educação de Jovens e Adultos – EJA pude conhecer melhor quando realizei o meu estágio na EJA no sexto semestre da faculdade, compreendendo um pouco da rotina e dos alunos dessas turmas. Pessoas que muitas vezes não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular quando eram crianças por diversos motivos e quando adultos sentem a necessidade de aprender a ler e escrever para se encaixar no mercado de trabalho, e muitas vezes para ajudar seus filhos com as tarefas de casa enviadas pela escola.

A experiência de estudar durante a noite me deixou desmotivada, no ano seguinte decidi me matricular para cursar o primeiro ano do ensino médio no período da tarde na escola Dairce Pedrosa Torres, era uma escola nova recém-inaugurada, comecei bem

empolgada, fiz vários amigos, no entanto não consegui continuar, tinha tomado o gosto pelo trabalho ou talvez pela necessidade financeira, afinal para muitos jovens de classe baixa nem sempre os estudos estão em primeiro lugar. E assim antes de finalizar o ano acabei desistindo da escola, decidida a voltar a trabalhar prometi pra minha mãe que iria voltar a estudar a noite no ano seguinte.

E assim o fiz no ano de 1992 já com 17 anos me matriculei no primeiro ano do ensino médio técnico em contabilidade na escola Getúlio Vargas, no período noturno, no entanto logo descobri que estava grávida, e mais uma vez interrompi meus estudos, agora por conta de uma gravidez precoce. Os dados do Ministério da Saúde alerta que:

A taxa de gestação na adolescência no Brasil é alta, com 400 mil casos/ano. Quanto à faixa etária, os dados revelam que em 2014 nasceram 28.244 filhos de meninas entre 10 e 14 anos e 534.364 crianças de mães com idade entre 15 e 19 anos. Esses dados são significativos e requerem medidas urgentes. Diversos fatores concorrem para a gestação na adolescência. No entanto, a desinformação sobre sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos é o principal motivo. Questões emocionais, psicossociais e contextuais também contribuem, inclusive para a falta de acesso à proteção social e ao sistema de saúde, englobando o uso inadequado de contraceptivos (BRASIL, 2020).

E no dia 14 de outubro de 1992 nasceu meu primeiro filho Marcus Vinícius, a partir daí viveria uma das experiências mais importante na vida de uma mulher que é ser mãe, apesar da beleza do momento, ser mãe jovem e também um desafio, com muitas dúvidas e incertezas e a falta de maturidade gera medo do novo, e da responsabilidade pela vida de uma pessoa para o resto de nossa vida.

No entanto esses sentimentos foram amenizados com a ajuda e apoio dos meus pais, que me acolheram desde o início, dispensando ainda mais carinho e amor por mim e pelo meu filho, que foi criado sem a presença do pai biológico, mas com a presença importantíssima do meu pai que ficou sendo seu pai/avô.

Agora mais do que nunca precisava trabalhar para sustentar meu filho, e depois de quase um ano de seu nascimento consegui arranjar um trabalho temporário numa clínica médica.

No ano seguinte minha mãe retomou os estudos à noite, fiquei muito feliz, pois ela só tinha cursado até a segunda série do ensino primário quando era criança no interior do Maranhão, minha mãe foi muito determinada continuou estudando até concluir seu ensino médio em Magistério. Tenho muito orgulho da sua determinação e empenho.

Como agora eu tinha que cuidar do meu filho a noite, deixei de lado os estudos novamente, uma vez, que não conseguia conciliar a tripla jornada: trabalho, estudo e os cuidados com meu filho pequeno.

Nesse período me dediquei somente ao trabalho, em junho de 1994 arranjei um emprego na Secretaria Municipal de Saúde onde atuei no setor de Estatística e Informática, em 1995 engravidei novamente e para o meu desespero viveria a incerteza do futuro outra vez, e em 10 de maio de 1996 nasceu minha filha Isabela, confesso que não foi fácil ser mãe solteira novamente, mas graças a Deus tive todo o apoio dos meus pais novamente, meu contrato de trabalho foi até meados de 1999, foi um período muito importante na minha vida e de muitos aprendizados.

Em 2000 fui contratada para trabalhar em uma concessionária de automóveis, inicialmente na função de caixa, passando depois para o cargo de secretária de vendas, onde consegui desenvolver um excelente trabalho durante dois anos, sendo promovida e transferida para outra empresa do grupo onde trabalhei por mais oito anos, foi uma década de muito crescimento profissional e pessoal, tive a oportunidade de conhecer muitos profissionais bem sucedidos o que me fez despertar a refletir sobre a minha formação, que era uma lacuna faltante na minha carreira. Uma vez que minha vida era dividida entre o trabalho, filhos e agora meu namorado.

Em dezembro 2006 decidimos nos casar, minha filha mais nova estava com dez anos, estava decida a retomar meus estudos era uma necessidade, sentia vergonha de não ter cursado o ensino médio, no entanto, um mês após nosso casamento descobri que estava grávida, de início fiquei preocupada, tinha tantos planos e um deles era voltar a estudar. Em 24 de agosto de 2007 minha filha nasceu, agora mãe de 3 filhos, trabalhando e as responsabilidades da casa seria praticamente impossível retornar aos estudos.

Quando retornei ao trabalho após a licença maternidade, para minha surpresa fui demitida, fiquei muito chateada, afinal foram anos me dedicando a empresa, trabalhando até mais tarde para dar conta de todo o trabalho e alcançar as metas determinadas mensalmente. Este é um ponto extremamente importante, pois estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que 50% das mulheres após a licença maternidade, mesmo estando amparadas por lei, são demitidas, e diante deste percentual tão expressivo, essas mulheres pontuam preconceito, indiferença, discriminação e machismo.

Depois do ocorrido decidi que ia dar um tempo, cuidar dos meus filhos que necessitavam de cuidados, consegui ficar quase um ano sem trabalho formal, meu marido

tinha uma boa renda e dava para nos sustentar, mesmo morando de aluguel conseguimos viver tranquilo.

Como já tínhamos um projeto para construir nossa casa, o dinheiro da minha rescisão de trabalho ajudou a realizar o sonho da casa própria, com sete meses de construção nossa casa ficou quase pronta nos permitindo assim nos mudar para a casa nova.

Em fevereiro de 2009 recebi uma proposta de emprego, um contrato temporário para trabalhar como auxiliar administrativo na direção do Hospital Municipal, uma experiência um pouco diferente por conta do ambiente, no entanto desempenhei com sucesso, foi muito bom voltar a trabalhar fora, a rotina diária de uma dona de casa é muito cansativa, além de ser um trabalho que não é reconhecido e nem remunerado.

Acabado o contrato do hospital, resolvi procurar um emprego formal, entreguei meu currículo em algumas empresas e logo fui chamada para uma entrevista de emprego em uma concessionária de tratores, como já tinha experiência no ramo, fui contratada para trabalhar na carteira de financiamento de máquinas pesadas, trabalhei por 2 anos nessa empresa através dessa empresa realizei muitas viagens para capacitação na região sul do Brasil, agregando mais conhecimentos a minha carreira profissional.

Entretanto, no início de 2013 tive que pedir demissão, minha secretária do lar pediu demissão, disse que ia trabalhar na obra de construção da barragem de Belo Monte, nessa época Altamira experimentava uma mudança em diversas frentes com a instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte no Rio Xingu, muitas pessoas homens e mulheres se candidataram a uma vaga de emprego nesse empreendimento gigantesco. A cidade viveu um inchaço populacional, nesse período, “A Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHE Belo Monte), maior obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) dos governos Lula-Dilma, atingiu, entre 2014 e 2015, o auge do processo de mobilização de recursos humanos e financeiros para sua construção” (OLIVEIRA, 2017, p.02).

A partir de então, voltei à incansável rotina do lar, cuidados com os filhos e marido, passei a viver em função deles literalmente. No ano anterior, 2012 incentivada pela minha irmã, me inscrevi e prestei o exame do Enem com intuito de testar meus conhecimentos, que para a minha surpresa foi bom, obtive uma pontuação que serviu para obtenção do meu Certificado de Ensino Médio (Encceja²) emitido pela 10ª Unidade Regional de Ensino, fiquei tão feliz e aliviada quando recebi meu certificado que nem acreditava que já tinha conseguido minha meta de estudos até então.

² Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos via Ministério da educação.

Continuei minha vida de dona de casa, acredito que me acomodei, tanto que fiquei nessa rotina até 2015, quando prestei outra prova do Enem, conseguindo novamente uma boa pontuação, assim me inscrevi no processo seletivo do Instituto Federal do Pará (IFPA) para o curso de Técnico em Edificações o qual fui classificada. Fiquei muito animada em mudar o rumo da minha vida, o curso era presencial de segunda a sexta, no período da tarde.

Todos os dias eu saía de casa de moto, enfrentando o trânsito, pegando chuva na época do inverno e poeira no verão, a cidade nessa época tinha virado um canteiro de obras. Mas valeu muito, essas dificuldades não me desanimaram, eu estava determinada e com sede de conhecimentos.

Nem as disciplinas de cálculos me fizeram desanimar do curso, ao contrário, o apoio dos professores e dos colegas do curso me ajudou a conseguir vencer as dificuldades encontradas, uma vez que estava desatualizada, afinal já era mais de vinte anos sem frequentar uma sala de aula.

Posso afirmar que a partir desse curso no IFPA minha mente se abriu e pensei, não posso parar, eu quero mais. Em 2016 prestei novamente o Enem e mais uma vez obtive sucesso com o resultado, consegui ser aprovada para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará. Quando vi meu nome na lista de aprovados eu não acreditei, pensei comigo pode ser outra pessoa com o mesmo nome, então fui consultar no site da UFPA pelo número da minha inscrição e era eu mesma pra minha surpresa.

Na verdade a ideia de fazer um curso superior não passava muito pela minha cabeça até então, não me recordo do assunto faculdade ser muito mencionado nos diálogos em família e nem no período do ensino básico, talvez por se pensar que faculdade era pra quem tinha dinheiro, “pobre tem é que trabalhar”. No Brasil, essa ideia permeia as classes mais pobres, pois são estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais que enfrentam a seleção desigual, os que tentam entrar na universidade passam por uma seleção com inúmeras distorções de cunho ideológico, social e educacional.

Quando prestei o Enem em 2015 foi mais para apoiar minha filha Isabela que tinha 18 anos estava se preparando para prestar o Enem, ela estava morando em Goiania-GO, e fazia cursinho a um ano se preparando para tentar uma vaga no curso medicina, um dos cursos mais concorridos, se ela tão jovem estava se esforçando para realizar um sonho, porque eu com 40 anos, não poderia também fazer uma graduação, afinal a idade não é empecilho para voltar a estudar.

Minha família me apoiou muito a voltar a estudar, ficaram muito felizes com a minha aprovação na UFPA, sou a segunda filha a entrar na Universidade, portanto era muito orgulho

pra minha mãe, e eu já estava ansiosa pelo início das aulas, um pouco apreensiva pensando se ia dar conta, afinal chegar a um nível superior nessa altura não seria nada fácil ainda mais sendo mulher, casada e mãe.

3 INGRESSO NA UFPA

3.1 ASPIRAÇÕES DE UMA FUTURA PEDAGOGA

A Universidade do Pará foi criada pela Lei nº 3.191, de 2 de julho de 1957, sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, após cinco anos de tramitação legislativa (Portal da UFPA ³). A Universidade Federal do Pará tem um protagonismo de desenvolvimento regional, suas primeiras ações de interiorização começaram na década de 1970 materializadas por convênios entre Secretarias de Educação, e esferas estaduais, municipais e governos dos territórios (FREITAS, 2005).

Posteriormente, a segunda fase de interiorização entre 1986 a 1989, onde o curso de pedagogia entra neste histórico, conforme Araújo (2015, p.191):

O Programa de Interiorização da Universidade Federal do Pará foi aprovado, por meio da Resolução nº 1.355, de 3 de fevereiro de 1986, constituído pela oferta dos cursos de Licenciatura Plena em Letras, História, Geografia, Pedagogia, Matemática, Física e Química. Os municípios contemplados pela segunda fase de expansão foram Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure. Os cursos funcionavam no período intensivo, isto é, nas férias escolares, nos meses de janeiro e fevereiro e na primeira quinzena de março, em julho e na primeira quinzena de agosto.

Foi neste cenário que o Campus Universitário de Altamira integra a segunda fase, criado em 1987 com oferta de cursos de graduação “[...] prioritariamente, Licenciaturas, nas áreas de Letras, Ciências, Geografia, História, Matemática e Pedagogia. Em outubro de 1992, tiveram início os cursos regulares de Licenciatura em Letras e em Matemática, seguidos por Pedagogia, em 1994 [...]” (ARAÚJO, 2015, 203).

Ingressei no curso de Pedagogia no ano de 2017 para ter uma formação superior, realmente sempre quis continuar os estudos, mesmo com contratempos da vida, ingressei no curso de graduação, porque muitas das oportunidades de emprego exigem tal certificação, principalmente, para ingressar no setor público através de concurso que oferece uma remuneração melhor e a tão sonhada estabilidade, despertando assim o meu interesse em cursar o nível superior.

³ <https://portal.ufpa.br/index.php/universidade>

E esse meu desejo de conseguir passar em um concurso público se realizou antes mesmo de concluir a minha graduação, com a minha aprovação no concurso público municipal para o cargo de Pedagogo. Em janeiro de 2020 foi lançado o edital da Prefeitura Municipal de Altamira para a realização do concurso público, incentivados pelos professores do meu curso, muitos alunos se inscreveram neste concurso, eu me inscrevi para o cargo de Pedagogo no intuito somente de adquirir experiência e também para o cargo de auxiliar administrativo.

No entanto, no mês de março de 2020 o cenário mundial mudou totalmente com a descoberta do novo coronavírus denominado COVID-19, um vírus muito perigoso, contagioso e até letal, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde – OMS decretasse Pandemia Mundial, recomendando medidas de higiene e distanciamento social como algumas medidas de segurança para tentar conter a propagação do novo coronavírus.

Em virtude da pandemia o concurso só ocorreu no mês de Outubro de 2020, a prova foi muito tranquila, muitas questões eram sobre o conteúdo que estudamos durante esses anos de graduação, após a realização da prova sai muito confiante e esperançosa afinal não foi tão difícil assim, e quando saiu o gabarito conferi e vi que meu desempenho foi bom, estava muito ansiosa aguardando o resultado e quando saiu para a minha surpresa, estava lá o meu nome classificado para o cargo de pedagogo, fiquei tão feliz e orgulhosa de mim com essa conquista, afinal a chance de conseguir um emprego com estabilidade estava prestes a se realizar.

Entretanto, o fato de não ter finalizado ainda o curso de pedagogia me deixava muito preocupada, uma vez que ainda estava no sétimo período da graduação e quando fosse convocada para assumir o cargo precisaria apresentar o meu diploma de pedagogo. Dessa forma começou minha corrida junto à direção da minha faculdade para a possível oferta e antecipação dos componentes curriculares faltantes para finalização antecipada da minha graduação em virtude da minha aprovação no concurso.

Acatando as recomendações da OMS, muitas atividades não essenciais tiveram que ser suspensas por medidas de segurança, como, por exemplo, as atividades que geravam aglomerações, como as instituições de ensino, estabelecimentos comerciais, e algumas indústrias tiveram que parar suas atividades. Diante desse contexto, a UFPA teve que suspender suas atividades, acarretando o atraso de um semestre no seu calendário acadêmico. Fiquei muito aflita diante dessa situação e pelas incertezas de um futuro próximo.

Ficamos sem aula durante sete meses, retomando o sétimo semestre somente no mês de outubro na modalidade de Ensino a Distância – EAD na forma de Ensino Remoto

Emergencial – ERE através de aulas síncrona e assíncronas, um formato que no início gerou muita ansiedade e incertezas para nós alunos quanto ao sucesso desse novo formato, uma vez que estávamos habituados ao modelo de ensino presencial.

Contudo, o modelo remoto está sendo uma experiência excepcional para a turma, contribuindo de forma positiva para o nosso aprendizado e desenvolvimento pessoal, nos mostrando as várias formas de utilizar as tecnologias digitais como ferramenta para facilitar o aprendizado dos alunos perpassando os muros das escolas e seu modelo tradicional.

No entanto, para que esse formato ocorra de maneira satisfatória, faz-se necessário que as instituições de ensino disponibilizem para seus professores e alunos condições mínimas e essenciais como ferramentas digitais e dados móveis para que esse ensino possa acontecer com qualidade para ambos.

3.2 O INÍCIO DA VIDA ACADÊMICA, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

O início da minha vida acadêmica aconteceu em 2017, ingressei por vaga de ampla concorrência através do processo seletivo da UFPA. Quando cheguei a UFPA Campus Altamira para realizar minha matrícula, senti uma enorme satisfação, me senti tão privilegiada por estar ali, que nem acreditava que era real, lembro-me de cada detalhe como se fosse hoje, estava muito feliz e orgulhosa. Por mim já ficava ali pra esperar o início das aulas que só começaram no mês Abril com a semana de integração.

Chegado o mês de Abril, participei da semana de integração que aconteceu no período de 17 a 25 de abril, semana que permite o discente ingressante conhecer como funciona a dinâmica de cada curso, os direitos e responsabilidades dos discentes e docentes, e conhecer o espaço físico do campus.

No dia 25 de abril, último dia da semana de integração, fomos conhecer a Faculdade de Educação – FAE e seguimos para a sala de aula, tinha aproximadamente 30 alunos, fomos recepcionados pela então diretora da FAE Irlanda Miléo, alguns professores, e por uma acadêmica do curso de pedagogia 2016 que fez a leitura de um lindo texto de Paulo Freire, o primeiro texto que tive contato na Universidade e que me marcou muito, intitulado “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1987). O primeiro texto que tive contato na Universidade e que me marcou muito, pois no entendimento do autor, o nosso conhecimento também tem importância, em seguida um dos professores realizou uma dinâmica em grupo e depois fizemos um *tour* pelo campus.

O primeiro contato com a turma de Pedagogia 2017 foi muito gratificante, fiquei muito feliz de ver que não tinha só pessoas mais jovens no curso, contemplei mulheres mais

maduras assim como eu, que eram casadas, tinham filhos, marido, uma casa pra cuidar e que teriam que dividir essa jornada com os estudos assim como eu, me senti de certa forma representada e fortalecida, apesar da ansiedade do momento foi muito gostoso sentir o clima de empolgação de todos.

Optei por estudar no horário da manhã, para conciliar com o horário da escola da minha filha menor, assim não precisava me preocupar em ter que deixá-la com terceiros.

No dia seguinte aconteceu o nosso primeiro dia de aula, fomos recebidos pela professora que ministrou a primeira disciplina do semestre que foi Introdução à Educação, nesta aula ela nos apresentou a ementa da disciplina e estudamos alguns capítulos do livro: O que é Educação do renomado autor Carlos Rodrigues Brandão (1989). Um texto que nos impulsionam a pensar no aprendizado que constituímos durante toda a vida, o autor nos diz que aprendemos através das relações e interações com o meio no qual estamos inseridos, a partir dessas primeiras experiências com o mundo científico, pude me apoderar desses artifícios para agregar maior conhecimento na minha área de formação.

Começamos o primeiro semestre do curso com duas disciplinas: Introdução à Educação e História da Educação, conforme esses dias passavam eu ficava encantada em conhecer como aconteceu a educação dos indivíduos desde os primórdios.

Dentre as disciplinas ofertadas no primeiro semestre estudamos também: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Antropologia e Educação e Laboratório de Escrita Acadêmica. Essas disciplinas assim como tantas outras ofertadas ao longo do curso de Pedagogia foram uma novidade para mim e me ajudaram a compreender muitos fatos que ocorreram e ocorrem na sociedade, respondendo muitas questões até então desconhecidas para mim, parece que a partir daí tive respostas a várias questões sociais e também pessoais.

3.3 CONHECENDO OUTRAS MULHERES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Ao longo das primeiras semanas de aula fui conhecendo melhor a turma de 38 alunos, sendo 34 mulheres e 04 homens, essa quantidade de mulheres na turma reforça os dados do Resumo Técnico do Censo de Educação Superior no Brasil (BRASIL, 2016), que destaca o curso de Pedagogia com um total de 91,9% dos ingressantes serem do sexo feminino.

Apesar de a turma ser composta por muitas mulheres, passei um tempo para me entrosar, estava muito apreensiva com o novo ambiente, era tudo muito diferente, tinha medo de não conseguir fazer amizades e ainda mais de não gostar do curso, eram muitas incertezas naquele momento.

O início da graduação foi um período muito corrido, devido estar cursando o último semestre do curso Técnico em Edificações no IFPA no período da tarde, foi um semestre desafiador tendo que me desdobrar para conciliar os dois cursos com a minha rotina de dona de casa, foi tão intenso que nem aproveitei a sensação de ser caloura da maior Universidade Federal do Norte do Brasil.

A partir do momento em que os professores iam pedindo para formarmos grupos de estudos e grupos para apresentação de seminários, fui conhecendo melhor a turma e fazendo amizades, e com o passar dos dias fui tendo mais afinidades e me identificando com algumas meninas que vivenciavam as mesmas experiências que eu, como a rotina do lar, cuidados com os filhos, marido, e como nos adaptava à nova vida de universitária.

E assim nas primeiras semanas com o andar das disciplinas já me sentia mais à vontade e conseguindo usufruir do ambiente universitário.

3.4 REFLEXÕES E INQUIETUDES

Conforme os dias iam passando, percebo que assim como eu, muitas de minhas colegas universitárias compartilhavam das mesmas inquietudes pertinentes da jornada feminina. Como na turma a maioria é de mulheres, praticamente a metade dessas mulheres são mães e tinham filhos pequenos pra cuidar, todos os dias tinham a presença de crianças na sala de aula, em virtude de não ter com quem deixar as crianças, e muitas que tinham filhos menores de três anos não tinham conseguido vaga na creche para matriculá-los, haja vista a pouca disponibilidade de creches no nosso município.

Por sua vez também a UFPA não disponibiliza de creches para atender os filhos das discentes, dessa forma a única alternativa era levar nossos filhos para a sala de aula tendo que conciliar a dinâmica das aulas e o cuidado com os pequenos para que não atrapalhasse as aulas. As lutas para esse tipo de política tem se intensificado pelos grupos estudantis, e temos respaldo na legislação, pelo decreto 7.234 que Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES como explicitado no artigo 3º:

Art.3º O PNAES deverá ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior. §1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: I - moradia estudantil; II - alimentação; III - transporte; IV - atenção à saúde; V - inclusão digital; VI - cultura; VII - esporte; VIII - creche; IX - apoio pedagógico; e X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. §2º Caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados.

Diante desses desafios para as mães acadêmicas da UFPA, faz-se necessário por parte desta instituição de ensino a implantação de algumas destas políticas públicas que contemple essas demandas recorrentes no campus de Altamira, principalmente a creche universitária. E durante o curso contamos com a compreensão dos professores que foi de fundamental relevância para o nosso bem estar durante as aulas. Portanto, muitas professoras disseram que também levavam seus filhos para a faculdade na época que eram estudantes.

4 ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, UM APOIO A MINHA PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE

A modalidade de ensino regular diurno muitas vezes nos impossibilita de arranjar um emprego formal para suprir nossas necessidades diárias, uma vez que a graduação toma boa parte do nosso dia, desse modo a Universidade dispõe de programas de assistência estudantil para garantir a permanência dos discentes na universidade com intuito de conter a evasão, contudo esse programa não consegue abranger todos os discentes.

Senti-me privilegiada em ter sido contemplada com o auxílio permanência no primeiro ano da minha graduação, foi uma ajuda fundamental para a minha permanência na faculdade, haja vista que nesse período meu esposo encontrava-se desempregado e o auxílio foi de grande valia ajudando nas despesas da casa. O auxílio através da Resolução do FNDE nº 13, e da Portaria do MEC nº 389, de maio de 2013 que criou o programa de bolsa e permanência (BRASIL, 2015).

4.1 INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE UMA BOLSISTA PIBIC

No terceiro semestre da graduação tive o prazer de participar como Bolsista no Programa de Iniciação Científica PIBIC com o título “Avaliação dos Impactos Sociais e Ambientais Decorrentes da Implantação do Reservatório da UHE de Belo Monte – PA”. O objetivo deste estudo foi verificar a dinâmica socioespacial das famílias realocadas para suas novas residências nos loteamentos disponibilizados pela empresa responsável pelo empreendimento e identificar fatores de extrema relevância para os moradores, que passam por uma forte mudança em seus meios de vida, tratando as percepções dos mesmos e analisando as condições sociais apresentadas pelos atingidos.

Onde foi possível perceber com essa pesquisa que os Reassentamentos Urbanos Coletivos – RUC apresentam muitos fatores de impactos, e que os moradores remanejados ainda esperam respostas das dificuldades que vem passando desde o início da transferência para esses novos bairros. Apesar dos resultados demonstrarem que, de modelo geral, o

processo de reassentamento foi positivo, especialmente no que se refere ao aspecto da infraestrutura urbana, tendo em vista que parte dos bairros atingidos sofriam inundações sazonalmente, mesmo antes da instalação do empreendimento. Acredita-se que ainda há muitas perguntas a serem discutidas, haja vista a grande quantidade de informações documentadas necessitarem de uma análise mais profunda devido a complexidade do objeto principal desta pesquisa “as famílias” e ao tempo disponível para construí-la de forma mais coesa.

Muito mais do que “atingidos por barragens”, todos esses sujeitos e coletivos se reconhecem enquanto atingidos por atos e jogos de poder que conformam medidas que afetam diretamente suas vidas e seus direitos, mas nos quais não lhes foi possibilitado à devida participação ou, quando muito, o simples acesso às informações (OLIVEIRA, 2017, p.22).

Participar deste estudo foi muito gratificante para a minha formação, uma vez que tive a oportunidade de conhecer de perto a realidade das famílias afetadas pela implantação da Hidrelétrica de Belo Monte e refletir como esses impactos mudou o cotidiano dos atingidos.

4.2 TRIPLA JORNADA DE UMA UNIVERSITÁRIA

O significado de participar do contexto universitário propicia uma sensação de privilégio, de fato nos faz mulheres mais fortes, confiantes e nos empodera, é este o sentimento que possuo desde os primeiros passos dados no decorrer da minha graduação na UFPA – Campus Altamira.

Este empoderamento fortaleceu atitudes, ações e trouxe novas perspectivas para a minha vida e da minha família, os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação me faz acreditar que posso ir além, que posso incentivar outras mulheres através das minhas experiências e aprendizados adquiridos.

Quando olho para trás e vejo tudo enfrentei para conquistar meu espaço, abdicando muitas vezes de um dia de lazer em família, de ficar na cama até mais tarde, ficando horas na frente do computador realizando pesquisas e estudando até a madrugada me aprofundando nos conteúdos das disciplinas, me desdobrando para dar conta da infinita e bela jornada feminina, vejo o tanto que foi válido, prazeroso e fortalecedor para o meu ego e crescimento pessoal.

Gostaria que outras mulheres descobrissem que também são capazes, e que muitas vezes a sociedade machista nos impede de acreditar que somos capazes de realizar nossos sonhos e desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelo gênero memorial possibilitou-me construir uma narrativa descritiva, da trajetória de vida e das experiências que enriqueceram de forma significativa o mundo científico e social que cercam a mulher em seus discursos e ações diante da sociedade, sob um olhar mais contextualizado através das aprendizagens durante o curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará. A escrita deste gênero abrangeu um processo que contou com as experiências vividas da mulher, mãe, dona de casa, esposa e estudante universitária.

Diante dos objetivos apontados durante a feitura do memorial os autores subsidiaram de forma que a trajetória histórica, social e educacional das mulheres é evidenciada por um universo de percalços, adversidades, mas também de lutas pelos direitos e igualdade de gênero. Minha trajetória também é muito parecida com a de muitas mulheres que buscam na educação e na formação universitária um lugar para a ascensão social. A inserção no curso superior apresenta a sensação de sentir-me importante, aceita, orgulhosa, por sair de uma família de poucos recursos e conseguir estudar, pois nossa sociedade tem penalizado os mais pobres, principalmente as mulheres, pelo discurso do machismo e do patriarcalismo.

As reflexões aqui denotadas apontam para os dilemas e superações da mulher em seu contexto social, como os desafios vivenciados por mães universitárias no curso de Pedagogia, os contratempos do dia a dia, a busca pelo ensino superior e por políticas de permanência, bem como, o empoderamento na perspectiva de igualdade de gênero. Neste contexto, estou inserida numa realidade de ser mulher em busca de ascensão social, marcada pela resistência e ressignificação do meu lugar no espaço universitário.

Pela trajetória de vida, entre as memórias e as experiências vivenciadas na universidade, consolidou-se na compreensão em compor os espaços sociais, e de ser protagonista do percurso feminino, contribuindo para a produção científica do conhecimento e rompendo com as estruturas hegemônicas que se movimentam contra o gênero feminino em todos os contextos.

Assim, a minha escrita teve esse processo que conta com as experiências vividas de mulher, mãe, dona de casa, esposa e estudante universitária. Fui desafiada e invisibilizada em muitos contextos, enfrentando discriminação e preconceito no universo do trabalho, entre estes contratempos tenho a educação como caminho à emancipação social, frutos de muito estudo e dedicação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Rosilainde Oliveira de. **Superando obstáculos: O itinerário da formação de uma profissional da educação.** Universidade Federal da Bahia Faculdade de Educação Colegiado do Curso de Pedagogia Salvador, 2016. (Monografia).
- ARAÚJO, Amarildo Silva. **Desterritorialização da comunidade de Apinagés em São João do Araguaia (PA) na perspectiva da construção da Usina Hidrelétrica de Marabá.** Araguaína, TO, 2017 (Dissertação de mestrado acadêmico).
- ARAÚJO, Rhoberta Santana de. **O PDRS Xingu e a política de expansão da UFPA no contexto de instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: O caso do Campus de Altamira,** Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará, Instituto Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **Segundo Sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami, ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa, FCC, São Paulo, V. 39, n. 136, jan/abr 2009, pp 125-156.**
- BOSI Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação.** 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRASIL. **Decreto Lei nº 5.452 de 01 de Maio de 1943.** Consolidação das Leis do Trabalho. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 1943.
- BRASIL. **Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, 2010.
- BRASIL. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, 19 de julho de 2010.
- BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2018.** Disponível: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 25/02/2021.
- BRASIL. Inep. Inserção das mulheres no ensino superior no Rio de Janeiro. **Revista História, Ciência, Saúde/Manguinhos.** Boletim da Faperj, 2012 Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/pesquisa-analisa-insercao-das-mulheres-no-ensino-superior-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 25/02/2021.
- BRASIL. OMS. **Biblioteca virtual da saúde.** Ministério da Saúde. Página virtual, 2020. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br>. Acesso em: 19/02/2021.
- BRASIL. **Resolução/CD/FNDE nº 13, de 9 de maio de 2013.** Estabelece procedimentos para o pagamento de bolsas no âmbito do Programa de Bolsa Permanência. Brasília, 2015.
- BRASIL. **Resumo técnico: Censo da Educação Superior 2016.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Marlene R. M. **Universidade Multicampi: Conhecimento e tecnologia em favor do desenvolvimento do Pará**. Belém (PA): EDUFPA, 2005.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 126-147.

OLIVEIRA, Assis Costa. Violência, Segurança Pública e Condicionantes Socioambientais: Violações e Mobilizações no Contexto Da Usina Hidrelétrica Belo Monte. **Insurgência/Revista de direitos e movimentos sociais**. PPGDH: PUC, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít., Curitiba**, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> Acesso em: 20/02/2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Jucéli Bispo dos. **Novos movimentos sociais: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 9, p. 81-91, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9478279-Novos-movimentos-sociais-feminismo-e-a-luta-pela-igualdade-de-genero.html>. Acesso em: 21/02/2021.

SCOTT, Ana Sílvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 555.

SILVA, Jaqueline Soares da. **Formação de Professores: Os desafios das mães universitárias no curso de Pedagogia da UFRJ**. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro De Filosofia e Ciências Humanas Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2019. (Monografia).

SILVA, Maria das Graças da. **UHE – Tucuruí: Desterritorialização e Degradação Ambiental. O caso da Gleba Parakanã (PA) na Amazônia Brasileira**. Comunicação Universitária (UEPA), Belém, v. I, p. 26-32, 2001.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: Travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUSA, Yanna Marcelly Aragão de; CRUZ, Kilce Maiana Sousa da., OLIVEIRA, Jorgiene Santos. **Os desafios das mulheres amazônidas: A inserção da mulher no mercado de trabalho formal no município de Alenquer**. Revista de Administração e Negócios da Amazônia, V.11, n.3, Especial, 2019.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; DOURADO, Leidiane Santos. **Memorial de formação como gênero do discurso: Produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada**. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.

VERAS, Romeria Davina Vieira. **O percurso estudantil de alunas casadas do curso de pedagogia do CFP-UFCG: dilemas e superações da dupla jornada**. Cajazeiras, 2015. (Monografia).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S725d Sousa, Angela Maria dos Santos.
Desafios e perspectivas da minha trajetória acadêmica no curso
de Pedagogia da UFPA - Campus Altamira-PA / Angela Maria dos
Santos Sousa. — 2021.
28 f. : il.

Orientador(a): Prof. Me. Rozinaldo Ribeiro da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2021.

I. Memorial. Mulher Universitária. Trajetória de vida. I.
Título.

CDD 016.37082
